

A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17 - 6 - 1917

Redator-Gerente: RODOLFO FELIPE

Redação e administração
LADEIRA DO CARMO N.º 7
Expediente à noite

ASSINATURAS:
Número anual 3000 -- Semestre 1500
Ano 1933 -- Pacote: 12 exempl. 2400

Toda correspondência, vales e registros
devem ser endereçados à Caixa Postal, 195
S. Paulo - Brasil

O mal é do regime

Como e quem age nos bastidores da política das nações

"São os banqueiros os generais da nova conquista. Eles surgem com amabilidade, com interesse hipócrita pelo progresso do país visado, insuflando a vaidade dos governos incautos, explorando as situações políticas. Na hora em que os partidos de oposição fazem demagogia nos parlamentos ou na imprensa para demonstrar que o país, nas mãos do partido que se encontra no Poder, já não goza de crédito, eis que surgem os banqueiros. Os governantes não trepidam em realizar as operações mais onerosas, afim de demonstrar que o país goza de solido crédito, e logo as gazetas da City e de Wall Street lançam notas sisudas, que são transcritas no país em vias de escravidão, com palavrórios de jornalistas mercenários.

Assim, penetram os banqueiros na vida de uma Nação. Então, as suas manobras se multiplicam, através de seus agentes. Estes geralmente, são homens tidos e havidos como entendidos em materia financeira e muitas deles acabam, depois de rasgados artigos laudatorios dos jornaes tecnicos, por ocupar postos da administração publica. Homens cuja competencia foi creada pelos proprios banqueiros interessados em guindá-los ao Poder, ao assumir a gerencia dos negocios publicos não passam de bonecos nas mãos do capitalismo internacional.

Assim, prossegue a marcha da escravidão de um povo. Os emprestimos se multiplicam; as missões espinhosas se reproduzem; as operações e negocios estabelecem a trama com que se manietta a nacionalidade. E um país que chegou a esse ponto não tem mais do que deixar-se sugar pelo tremendo polvo que lhe lançou as antenas. Pois a confusão se estabelece em todos os quadrantes da vida nacional. Os partidos politicos, em cuja prôa aparece a catadura dos amigos dos banqueiros, assumem atitudes as mais variadas, para iludir o povo ora com o regionalismo separatista, ora com o acenar novas e maiores liberdades, ora a defender obscuros principios revolucionarios. O povo aplaude e acompanha esses politicos e estes estendem sobre os banqueiros internacionais a clamide pura de suas intenções patrióticas, sagrando-os amigos da Patria.

Eis porque compete á Revolução Brasileira assumir uma

atitude absolutamente nova em face dessa grave situação em que nos encontramos, depois de cem anos de gradativa infiltração no país do capitalismo internacional organizado".
Um trecho do relatório da "Comissão de Sindicância do Instituto de Café", publicado no "Jornal do Estado" em 17-6-33:

Depois de conhecidos as verdades contidas neste libelo fulminante; depois de serem divulgadas fotografias tão reais do ambiente de corrupção que impera nos bastidores das administrações dos bens publicos, depois de estar comprovada de maneira tão clara e inofismável a subserviência, o canalhismo e o despudor com que os POLITICOS AGEM E REAGEM EM DEFESA DA PATRIA... DÓS BANQUEIROS; depois de tudo isso, ainda haverá homens de bom senso e de caráter que ainda esperem e confiem na AÇÃO MORALISADORA DO ESTADO POLITICO, ou mesmo no ESTADO CAPITALISTA, se a capital, se o dinheiro, se o VII METAL é quem avilta os homens, escraviza os povos e leva á degenerencia a especie?

Se ao redor desse gato morto que é o Café no Estado de São Paulo se deram tão grandes ESCANDALOS e tão grandes roubalheiras; se no Brasil os politicos da opposição FORJAM REVOLUCOES e os das posições CONSERVAM-SE no poder movidos pelos cordéis dos banqueiros internacionais; arruinando assim o País, que atividade infernal, que appetites diabolicos não se degladiam então na Conferencia Economica Mundial, onde os interesses economicos são multiplicados ao infinito?

Não! O domínio da Razão ha de epossar-se dos homens. O bom senso terá que triunfar por sobre o regime moralmente falido, o regime Capitalista burguez que faliu fragorosamente. E todos os homens que não estejam contaminados pelo virus da corrupção e putrefação burguesa, devem preparar-se para sobre os escombros do desmoronamento da sociedade burguesa instituir um regime de equidade, de justiça, onde as vidas e o labor dos homens não sejam devorados pelos proprios homens, como o tem sido até agora. Não é a falencia dos homens que se manifesta, como tem sido propalado pelos economistas de fancaria. O mal está no regime, é o Estado, com o seu aparelho de compressão, com a sua burocracia, sobre o qual deve cair toda a responsabilidade. Não haverá solução para as questões economicas, como a não haverá para as questões morais, senão com o desaparecimento do Estado que encerra todas as formas de opressão, todas as causas da tirania economica, politica e social em que vivemos.

ra... não vá. E' muito alegre a mocidade, é muito doce o amor, é muito belo o futuro. E se leta se estuda a mocidade, o amor é profundo e o futuro enegrecido...

Soldadinho que vais para a guerra... não vá. Por que has de ir? Por que has de renunciar ao municipal de esperanças que o mundo reserva para os jovens e beber as agruras todas que o monstro distribui aos que o procuram?

Não vá, soldadinho, para a guerra. E' doído aquele que se transvia de plaza estrada larga para se embrenhar nas agruras do torvo caminho.

Não vá, soldadinho, para a guerra. Por que has de deixar a agua limpida da fonte para te descestaras no lodo impuro dos charcos?

Não vá, soldadinho, não vá para a guerra. A vida foi feita para ser vivida com voluntariedade e tu queres por força desvirtuar a finalidade essencial da vida. Morrer jovem é um crime e tu queres por força praticar esse crime...

Não, soldadinho, não vá para a guerra.

ABEL CASTILHO,

(Do "Correio de S. Paulo", de 19-6-33).

QUE É O ANARQUISMO

Os anarquistas querem:
Uma sociedade sem governos nem leis, constituída por federações de trabalhadores que produzam segundo suas capacidades e consumam segundo suas necessidades:

- uma sociedade onde toda a Terra e suas riquezas sejam de todos os trabalhadores;
- uma sociedade sem opressão das massas trabalhadoras por uma minoria de ricos egoistas;
- uma sociedade sem dinheiro, instrumento dos agiotes;
- uma sociedade sem policias, sem prisões, sem miséria, sem ditaduras;
- uma sociedade onde o individuo desenvolva livremente sua personalidade no trabalho, na ciencia, nas artes.

Se desejaes também isso, és anarquista. Estuda o anarquismo e procura os centros anarquistas.

Verás então como se pode chegar a isso.

QUE É POLITICA?

- Que é politica?
- E' a ciencia que ensina a viver do orçamento.
- Que é o orçamento?
- E' a panela nacional onde todos desejam meter a colher.
- Como se divide a politica?
- Divide-se em partidos.
- Póde dizer-me quantos ha?
- Dois, os que estão de cima e os que estão de baixo.
- Como funcionam esses partidos?
- Os de baixo gritando contra os de cima, os de cima esmagando aos de baixo.
- Costumam inverter-se essas funções politicas?
- Sim, senhor, por meio de uma troca de papéis determinada por uma revolução.
- E então que succede?
- Succede que aqueles que esmagaram, gritam, e os que gritaram esmagam.
- Obtêm-se por meio dessa inversão algum beneficio politico?
- Não senhor, porque a ordem dos fatores não altera o produto.

N. da Redação: — Isto foi escrito por um cronista da republica de S. Salvador, mas applica-se aos salvadores de todas as republicas.

O GRANDE DIGNIFICADOR

O TRABALHO

Enquanto não houver uma comunidade de fadigas entre os homens, nunca poderá haver uma comunidade de bens. O comunismo anarquista não deve ser tomado na sua expressão exterior, de repartição de produtos — a cada um segundo as suas necessidades. — que é tomá-lo muito por cima, senão que é fundamento virtual, de nobreza, profunda e dignificante da vida: todos devem trabalhar, cada um conforme as suas forças e a sua capacidade. O anarquismo integral que fez destes dois conceitos uma unica cláusula, deve insistir em destacar a base da cúpula, o fundo da superfície.

Baséa-se o anarquismo sobre o trabalho, se bem não ceda o produto, nem aos burguezes que o roubam nem aos socialistas de Estado que o repartem, dando a parte de leão aos repartidores. Mas, dado que esta discussão e este combate em que vive empenhado o anarquista lhe roube o tempo, terá de volver, quantas vezes pudér, suas vistas e suas luzes sobre esta coisa firme e inexgotavel, como sobre uma rocha de onde efflue toda a agua que banha, refresca e fecunda o mundo: o trabalho. Nele principia o seu amor e em suas ondas re-

voltas ou cristalinas deve reflectir-se o fulgor do seu pensamento libertario.

Não se póde amar aos trabalhadores, senão se ama também ao trabalho.

E o mais obscuro de todos, o trabalho mais sujo e mais envilecido pelos parasitas, ha de ser para ele o mais sagrado e o obreiro executor o mais querido dos seus irmãos. Não nós faleis na destruição dos bens, senão partilhastes nunca dá destruição das fadigas!

Não; não é um sarcasmo dizer que o trabalho enobrecer ao homem. Apesar de que hoje e sempre o envileceram, experimentai procurar sobre a terra coisa mais nobre que um trabalhador. Quando este é vil, é porque já a yileza apodreceu até a medula aos outros seres que se lhe julgam superiores: Santos, artistas ou filósofos.

A Anarquia baséa-se em o trabalho, trabalhadores. E' bom que vós o saibais e é bom para nós, anarquistas, nunca também o esquecermos. Saudamos ao homem fatigado, não com palavras vãs, mas com obras, como operarios, como obreiros, como trabalhadores, trabalhando!

R. GONZALEZ PACHECO.

DA SEARA ALHEIA

Canção do soldado

Soldadinho que vais para a guerra... não vá. Olha que deixas em transe um coração affito de mãe, um coração partido de esposa, um coração soluçante de solva...

Soldadinho que vais para a guerra... não vá. O céu é muito azul, o riso é muito claro, a vida é muito boa. E nos campos de batalha o céu se torna plumbeo, o riso não existe e a vida é um pesadelo...

Soldadinho que vais para a guerra...

Grande Festival Pró "A PLEBE"

Promovido pelo Grupo Editor e com o fim de manter cada vez mais estreitos os laços de solidariedade de familia libertaria, realizar-se-á, no proximo DIA 8 DE JULHO, no SALAO CELSO GARCIA, sito á rua do Carmo n.º 23, um festival familiar, o qual constará do seguinte

PROGRAMA

- 1.º Musica pela orquestra.
- 2.º Conferencia por um camarada.
- 3.º Representação do drama em 4 atos, intitulado O MILAGRE, de autoria do companheiro Gige Damiani.
- 4.º Ato variado.

Os convites já estão sendo distribuidos em nossas salas, e nas associações operarias, á R. Quintino Bocaiuva n.º 88.

Temas de sempre Anarquismo e Sindicalismo

VI

De quanto tempo argumentado pôde já obter-se uma conclusão geral, que o progresso foi mais efetivo em todos e em cada um dos povos na medida que a vontade coletiva e o sentimento de cada indivíduo pôde, com a menor inibição de obstáculos, traduzir-se em ação. O nível progressivo e portanto a verdadeira vida associativa da humanidade estão na razão direta da liberdade e, por consequência, na razão inversa do princípio de autoridade.

Afirmar o primeiro destes postulados e ter da vida uma compreensão ampla, diversa, multifôrme e complexa, implica tanto como concebê-la com um critério dinâmico, reconhecer que tudo na natureza, cousas e seres vivos e homens, se movem segundo um ritmo de transformação constante, que a vida do homem em sociedade deve ajustar-se igualmente à mesma lei universal de mutação eterna.

A autoridade, ao contrário, encarada em seus representantes, nos sacerdotes, nos magistrados, em todas as organizações estatais, tem pretendido sempre opôr diques ao progresso, interromper as correntes da energia humana com uma muralha de baionetas, anular com leis humanas de imobilidade a lei natural do movimento, opôr à iniciativa pessoal a violência organizada, ao esforço criador a doutrina cristã e todas as máximas religiosas do renunciamiento; sempre opozeram o dogma contra o gênio inventivo; em face à atividade espontânea que é a vida, a disciplina do pensamento e das ações humanas que é a morte.

E terá que seguir-se sucessivamente este caminho? É isto o que, segundo temos querido demonstrar, negou sempre a consciência universal, instruída por séculos de experiência e apoiada em suas convicções por todas as fontes do conhecimento.

O próprio Marx, antes de envenerar, impellido pelo método dialético, na rigidez de seu simplismo econômico, conceiu em admitir, com lúcidos raciocínios, que enquanto a espécie continue enclaustrada nos velhos sistemas autoritários, não poderão ser apagadas da face da terra a servidão e a miséria.

Pois bem; não foi e não continua sendo o Estado a mais forte entidade representativa da força, atravessada eternamente ante a marcha progressiva do gênero humano e obstaculizando as vontades rebeldes na atividade construtiva de uma verdadeira civilização?

Concluamos, pois, afirmando definitivamente: nem um minuto mais, nem uma palavra, nem uma linha pela defesa nem sequer pela justificação do autoritarismo, nem em suas fórmulas orgânicas conhecidas, nem em qualquer outra das suas exteriorizações possíveis e distintas.

O Estado foi através de todas as épocas e em todos os povos a resultante nos fatos dos impulsos violentos da animalidade no homem primitivo; a consagração do fato brutal, como fenômeno natural e como realidade indivel e insuperável da divisão em castas e do predomínio dum minoria sobre o conjunto da espécie humana.

Claro está que as classes beneficiárias de tão absurdas situações históricas, enquanto elaboravam a teoria da dominação do homem pelo homem, viram-se sempre obrigadas a conter os embates da evolução e do progresso pela efusão de sangue e pela moral do escarmento, para fixar na mentalidade das criaturas a mais irracional e cega fé na invulnerabilidade das tradições passadas e dos princípios herdados. Daqui as lutas intermitentes entre a liberdade e o autoritarismo.

O Estado como instituição orgânica, tem sido, pois, o ideal convertido em princípio de realidade, da violência organizada. E os modernos sistemas, intitulados fascista e comunista, representam o supremo esforço do trogloditismo sobrevivente para plasmar nos fatos a utopia autoritária.

Eis aqui a senha de Moscú e a palavra de ordem do distrito de carnisaria preta: "tudo para o Estado, nada contra o Estado ou fora do Estado."

Até 1914, excetuando alguns instantes turbulentos na história moderna, não se havia tido a pretensão brutal, e propósito ossado, de descompor ao indivíduo de modo absoluto, de estrangular tudo o que fosse autonomia na ação, liberdade do pensamento e respeito à exteriorização do mesmo.

Depois, porém, da mais sangrenta e desapidada das guerras, a autori-

tarismo ressurgiu agigantado e impetuoso: uma grande calamidade, talvez a maior do século XX, serão as ditaduras sem exceção, como resulta do fatal e lógico da educação cristã marxista, da cultura estatista, do fomento da servidão voluntária nas multidões e da exaltação da força nas trincheiras, durante a bestial matança de 1914-18.

Apezar disso, como se se tratasse de uma ironia cruel, segue-se na obstante oferecendo o incenso da cultura e pedindo o tributo das energias e o holocausto das vidas humanas para alimentar e render culto a esse monstro feroz que as mais equilibradas individualidades humanas tem vindo abominando.

Não sejamos, porém, impenitentes na necessidade de viver eternamente surpreendidos; devemos descontar por demasiado sabido que os chacais se alimentam das vísceras fumegantes e as hienas se alimentam de cadáveres.

Permanecemos firmes em o nosso verdadeiro centro de convencidos revolucionários: alimentemos em nosso peito e no coração de todos os oprimidos a chama viva da confiança em nossos próprios destinos.

Em frente ao capitalismo que exgota em seu proveito todas as energias criadoras; em frente ao Estado esturpador de todas as potências da vontade e das faculdades do intelecto, perseveremos em atrair a um número cada vez mais crescente de homens e mulheres para a reivindicação imediata da liberdade pessoal e para a causa da justiça.

Ha que começar desde já a viver a vida à margem de toda a noção autoritária. A Igreja, o Estado e o Capitalismo, constituem a fatídica trílogia que impediu a marcha no caminho sem fim do progresso. Em rebeldia contra cada uma dessas instituições do passado levantou-se o anarquismo, advogando pela emancipação moral, pela independência intelectual e pela libertação física do escravo moderno.

É por essas considerações bem medidas que os anarquistas se definiram ante a sociedade: materialistas e ateus perante todas as religiões, antiautoritários contra o Estado e socialistas em frente ao capitalismo.

É de uma comprovação evidente que em mais de uma centuria de hesitações demeráticas, a luta social dos povos, longe de interromper-se ou atenuar-se, tem sido, pelo contrario, intensificada e alargada.

Nesse período de tempo, justamente, é que se desenvolveu a filosofia libertaria.

Desde Godwin a Proudhon, desde Dejacques e Courderoy a Kropotkine, desde Most, Parsons, Espies, Ling, etc., a Ferrer e Landauer, desde Striner e Tucker a Reclus e Luiza Michel, durante a vida larga e austera de Dumarthey, fecunda e dinâmica de Mella e Malatesta; de Bakunine a Berton, Rucker e Max Nettlau (e quantos nomes, símbolos de laboriosidade, abnegação e heroísmo haveria que citar!) veiu-se concebendo com uma percepção dia a dia mais clara e precisa e apresentando com uma compreensão mais exata as ideias inspiradas nos princípios de que fizemos menção.

A ação, pois, persistente na multiplicidade das manifestações do trabalho ha de romper indefinidamente tudo quanto seja centralização e moldes únicos; o livre curso das iniciativas espontâneas ha de acabar com o monopolismo na inversão e no aproveitamento das energias produtoras; o exercício pleno dos direitos individuais ha de terminar definitivamente com a mecanização autoritária do homem e com todos os dogmas impostos pelo catecismo e pela lei escrita.

I. M.

Otimistas

Devemos ser otimistas, haja o que houver, custe o que custar.

Devemos ter fé: fé nas ideias, fé em nós mesmos. O otimista é uma paixão afirmativa que pouca influencia tem tido entre os homens.

São os rebeldes, os descontentes, os que não têm por tudo transformar, os que sabem que surgirá desta transformação um meio de vida melhor, mais justo e humano, estão animados por essa paixão, possuem essa fé.

O otimista é posse exclusiva dos que vivem, dos que trabalham, dos

que se esforçam e daqueles que se sacrificam por algo nobre e elevado.

Otimismo quer dizer: estar certo de que o futuro será mais humano de que o presente; afirmar-se quotidianamente na penosa tarefa de vencer a maldade para ver alcançada a bondade; principiar a crer que chegará um dia em que não haverá guerras, nem odios, nem lutas fratricidas, nem baixezas, nem ruindades, nem paixões esgotadoras, nem crenças negativas.

Trabalhar neste sentido: saber que o esforço que a isso se dedique não resultará inútil; compreender que é imprescindível empregar todas as energias até conseguir o triunfo; não se afastar da luta porque o ambiente seja adverso, é esta a atuação do otimista, a rota que devem seguir os otimistas, sem descançar, até o impossível.

Porque o otimista é isto: uma esperança, uma luta contínua, uma força moral, um mais além feito realidade, um pensamento intenso, um valor novo em ideia e em sentimento, um aljôfar precioso de sans, de nobres, de dignas, de elevadas idealidades, de supremas energias.

Idealidades e energias para conseguir o triunfo.

O otimista é amigo da juventude e está carregado de juventude. Não

prevê o perigo, não advinha a dor, não percebe a catástrofe.

O otimista é alegre. Leva sempre os lábios abertos para sorrir.

Os grandes homens do ideal foram sempre otimistas: Bakunine, Kropotkine, Tolstoy, Reclus, homens de cabelos brancos, mas de alma inoga e jovem.

O otimista é um sonhador, sim, e por isso os sonhadores, os otimistas constituiram sempre o archote luminoso com que têm iluminado o desfiladeiro apertado e tenebroso desta vida miserável e aberto o caminho aos povos oprimidos, escancarado a estrada da redenção, da dignificação, da libertação.

O otimista é um sonhador, sim, porque vive a realidade que os praticos e os positivos não compreendem. Ele vive a realidade do espírito que se libera no céu azul, despreendendo-se da lama dos pantanos.

Os pessimistas não podem decifrar nem conceber isto porque são seres amargurados, que fazem amarga a própria existência e também a existência alheia.

Por isso tornamos a repetir: Ser otimista é não querer a existência do mal, nem admitir a existência da fome, da desigualdade, da injustiça, mas querer liberdade plena para todos, justiça para todos, igualdade para todos.

Sejamos otimistas!
ALEXANDRE MIRYEL.

Os males da burguezia

"IN HOC SIGNO VINCIS" (1)

"Hitler e Mussolini não fizeram fascismo com república, com chefes eleitos" (3)

Porque? Porque as razões do fascismo se identificam com os conceitos reacionários de Monarquia e Igreja. O fascismo é contrario ao liberalismo; é a vontade do indivíduo sobreposta à do povo, é o personalismo político. É claro que os dois chefes contra-revolucionários não poderiam completar o fascismo com a democracia mas o fizeram com a Monarquia e a Igreja que encapam, com o poder teológico, a força bruta organizada. E o fascismo sintetiza um processo convenientemente evolutivo e ideal à humanidade? Não. Porque seus postulados conservadores com tendências para eternizar uma determinada etapa da evolução social, são contrários a todas as leis da natureza a que estamos sujeitos.

Não, porque atenta contra a liberdade individual, interpondo na marcha evolutiva da sociedade processos que impedem a sua livre manifestação. Quaes são, pois, as credenciais com que se apresentam na história os chefes contra-revolucionários, elevados à categoria de infalibilidade ideológica necessária aos males da burguezia?

Elas emanam de um simples ato de conciência que se manifesta indiferentemente ao sabor das necessidades presentes, sem respeito à coerência, à lógica, e às convicções sociológicas.

A dupla personalidade de Mussolini pode mudar seus aspectos relativamente ao que não pode construir no cimento armado da sua ideologia. Em tais condições não deve inspirar muita confiança a relativa conciência da burguezia.

Que foi Mussolini?
Que é Mussolini?
Que será amanhã Mussolini?
A's duas primeiras interrogações se responde com a história da sua vida. A terceira será uma incógnita. Eis aqui uma definição acertada: "era um homem condenado a fazer grande bem ou a fazer grande mal" (3).

A marcha sobre Roma, o golpe traçoiro desferido contra as reivindicações do proletariado italiano, consolidou todas as instituições burguezas e restabeleceu normas que a própria Monarquia mais liberal extinguira.

E Mussolini era socialista e adotou a técnica revolucionaria dos comunistas.

Fascismo com Rei ou sem Rei, com Igreja ou sem Igreja, é para ele apenas uma questão ocasional de conveniência política.

Mussolini não teve uma concepção ideológica Universal, considerando a humanidade presente corrompida pelo capitalismo com um ideal egoista e utilitário, mas tão só um sentimento de opressão que se generalizava nas massas originando um sentimento de revolta contra as classes dominantes, que o impelio à desforra. Devia vangloriar-se também, do partido político que o expulsou do seu seio. Cheio desse sentimento impulsivo, foi que escreveu no "Popolo d'Italia", logo após sua expulsão do partido o mais flagrante libelo contra suas convicções ideológicas.

"ergo abertamente a bandeira do esma. Eles (os do partido Socialista) terão a terrível surpresa de me encontrar vivo a combater-los com todas as minhas forças. E agora affio as minhas armas, todas as minhas armas" (4)

De posse do poder erlon um arremedo de contestura politica satisfazendo ao seu personalismo absorvente e sacion todos os seus desejos de vingança. Dissolveu o partido, mandou destrair os jornais "Avanti" e "Giustizia", órgãos socialistas, submeteu a burguezia ao seu punte autoritário sem destruir o sistema capitalista.

Governa com o Rei e foi inimigo da realza.
No Congresso Socialista de Reggio Emilia, referindo-se a um atentado na pessoa do Rei, assim se pronunciava: "Porque esta sensibilidade histórica excessiva quando se trata de rebecas coronadas? O Rei? que é isto? O cidadão inútil por definição. Ha povos

que mandaram seu rei passar quando não quiseram se premunir ha mais tempo mandando-os para a guilhotina; e esses povos são a vanguarda do progresso civio."

Foi blasfemador de Deus e da Religião. Quando na Suissa, gritava na Casa do Povo de Lausane:

"Deus não existe; a religião ante a ciência constitui um absurdo em ação; ele é imoral nos homens e apenas uma molestia."

Em 1919 num discurso dirigido aos combatentes, dizia:

"Amaria um povo apaixonado da luta, de vida, de progresso, um povo que recusasse sua fé aos dogmas revelados e que tivesse desprezo pelos milagres."

Senhor do poder fez a aliança com a realza que odiou, em detrimento das conquistas liberais da massa, e assinou com a autoridade suprema da Igreja que repudiava, o tratado de Latráo, contra a Hyde manifestação do pensamento italiano.

A Santa Sé obteve a soberania e a jurisdição exclusiva na Cidade do Vaticano em cuja vida o Governo Italiano não terá nenhuma ingerência. Não foi só. A Santa Sé recebeu 1 milhão e 500 mil liras italianas em moeda corrente e titulos da dívida publica.

"A guiza de compensação que pudesse dar, com um emprego modesto, uma renda segura" (5).

Eis o chefe infalível que os patriovistas elevaram a razão Universal e fundamental de seus conceitos sociais reacionários. Com este libaro assim elevado ao padrão da ciência politica humana, os patriovistas vencerão.

De parabens a burguezia.
Oportunamente trataremos de Hitler, o destruidor da Constituição de Weimar, do partido social democrata, do partido comunista, dos nucleos anarquistas e de todas as organizações que lideravam movimentos liberais e libertarios da Alemanha.
Jota Sô.

- (1) Com este libaro vencerá.
- (2) Defesa patrioquista.
- (3) Arthur Labriola — Polemica anti-fascista.
- (4) "Popolo d'Italia" — 25-11-914.
- (5) Civiltà Catholica.

Em Curitiba

CURZIO CORSI

A 2 de Julho, quasi repentinamente deixou o cenário da vida, o nosso incansavel camarada Curzio Corsi. Era um dos mais antigos e intrasigentes Idealistas do Paraná. A sua ação de militante, embora não de grandes atividades públicas, manifesta-se cheia de entusiasmo em sua numerosa família, onde ele soube demonstrar a grandeza de seu Ideal, e as perseverantes convicções de seus princípios, que encontram o elo de continuidade nos filhos e discipulos do incansavel morto, e que continuará sempre lembrado por todos nós, que tivemos a felicidade de com ele conviver.

Em um dos seus ultimos dias de villa o bravo companheiro concretizou as convicções do seu Ideal nas seguintes palavras:

"Hoje é que os camponeses espanhóis compreenderam que é necessario apoderar-se das terras!"
E com os lábios entre-abertos, com os olhos parados num determinado ponto, dava a perceber que aquela alma generosa transportava-se para uma sociedade, onde em uma vida mais perfeita, tudo pertencesse a todos.

E na placidez daquele sonho de felicidade e amor, Curzio deusa o ultimo adeus a cada um dos que o conheceram.

Curitiba, 10-6-33

W. REINDAL



O aparecimento do sindicalismo

III

E a classe operária considerada **in abstracto** que se alude, e não a tal ou tal modo de combate; o método político é que parece mais eficaz aos socialistas do período de 1848 a 1869. O fim imediato dos comunistas é a organização do proletariado em partido de classe, escrevem Marx e Engels no Manifesto. Esse proletariado servir-se-á da sua superioridade política para arrancar pouco a pouco à burguezia todo o capital, para centralizar os instrumentos de produção nas mãos do Estado, isto é, do proletariado organizado em classe reinante, e o Manifesto enumera uma série completa de medidas estatísticas.

Só quando as oposições de classe tiverem desaparecido é que o Estado poderá desmoronar-se. Todavia ao que censuram Marx e Engels por terem passado em silêncio sobre o sindicalismo, responder-se-á que não há motivo para acusar de hostilidade esses grandes escritores, pois eles não podiam julgar um movimento cuja origem nem sequer se apercebia.

Em antagonismo com as teses marxistas surgem as teses de Bakunine e dos seus amigos e foi desta oposição que nasceu a primeira Internacional.

O bakunismo é essencialmente anti-estatista e destrutor dos poderes públicos, mas viu-se que Marx queria também destruir, depois de os ter conquistado. E sobretudo, após a queda da Comuna, primeiro golpe de mão do proletariado sobre o poder central, que aumenta a influencia do poderoso agitador russo. "Todo o poder político, disse ele no seu opusculo, "Os urnos de Berne e de S. Peterburgo", tende ao despotismo. E' necessário abolir o poder político, e abolido ele, substitui-lo pela organização das forças produtivas e das forças

economicas, e no "Imperio Germanico" e na "Revolução social" acrescenta: "o Estado republicano é tão despotico como o Estado governado por um imperador ou por um rei".

Adhemar Schwitzkebel, um dos fundadores da Federação autonómica do Jura, definiu assim a attitude dos bakunistas na Internacional: "suprimem primeiro a organização politica e juridica, de maneira a tirar todas as garantias nos privilegios da burguezia, e a desorganizar a ordem social para reconstituir as comunas e a Federação internacional".

E' no segundo período da Internacional, que a importancia da organização profissional dos salarizados e a sua eficacia possível na ordem revolucionaria, começam a merecer a atenção da Aliança da Democracia socialista. O congresso de Genebra que os bakunistas realizaram em 1873, discutiu, a título secundario, antes que essencial, a greve geral, mas para adiar quasi imediatamente o debate: "nada mais sendo a greve geral do que a revolução social, porque é sufficiente suspender o trabalho só durante dez dias para que o regime actual se desmorone inteiramente — por este motivo, a questão fica de remissão". Pelo contrario, o congresso recomendou a organização em corporações de officios e em federações regionais e internacionais, assim como a criação de uniões de officios, e logo em seguida, para bem afirmar as suas tendencias federalistas, tendencias que já se não encontram tão accentuadas hoje, adotou este aditamento: — "nós preconizamos não o sistema centralizador, mas a autonomia das Federações de officios pertencentes a um mesmo ramo de produção, unidas entre si por um pacto de solidariedade e de-defesa mutua".

PAUL LOUIS.
(a concluir).

União dos Empregados em Cafés

UMA CARTA DE UM ASSOCIADO

Recebemos do companheiro Labruge, membro da União dos Empregados em Cafés a seguinte carta:

"Aos companheiros empregados em cafés.

Companheiros!

Em um pequeno creado, mudo, guardo hoje toda a minha biblioteca, e quando não encontro a quem alugar os meus livros, procuro nos livros, nos jornais e nas revistas de ideias onde esquecer as agruras da miséria que invade os lares proletarios e que, por conseguinte, invade o meu tambem.

Os papéis velhos que por ali andam empilhados são ás vezes reexidos, e voltei a olhar de novo os olhos, uma noite-soites, em um velho jornal "A Voz do União", editado pela União dos Empregados em Cafés, na, na primeira página, que continha uma demonstração da capacidade, do carinho e da sinceridade que haqnel tempo predominava na classe.

Leindo o artigo com saudades, lembrei-me de muitas gratas recordações dessas lutas manifestadas na conciencia da nossa classe, que, num só bloco, unidos na luta e na conquista, se levantaram e se gloria, honraram e seguiram a luz da nossa associação.

E hoje, não sei porque sem razão, os empregados em cafés estão submissos e resignados, não se levantam, não se unem, não se organizam, não se defendem, não se lutam, não se conquistam, não se gloriam, não se honram, não se seguem a luz da nossa associação.

De hoje em diante, em cada um de nós, deve haver a mesma vontade de lutar e de conquistar, a mesma honra e a mesma gloria, a mesma luz da nossa associação.

Companheiros!

O, não se esqueça que nos dias de hoje, a

ravel se este nosso estado psicologico perdurar por muito tempo.

Nada ficará das nossas conquistas, produto do sacrificio de tantos abnegados companheiros, se os nossos colegas não se compenetrarem de que é necessario perder-se o recto que a mesquinha e avilta, e adquirirmos a honrabilidade que se manifestava na classe noutros tempos. E' preferivel a luta por uma nobre causa com todas as suas peripetias, á morte lenta da miséria e da escravidão; é preferivel viver lutando, que morrer esmagado pelos tentaculos da ganancia e da miquidade a que nós reduzem os nossos patrões.

Avante!

S. Paulo, Junho de 1933

LABRUGE

Exploração a título de beneficencia

NA FABRICA DE PAPELÃO DA PONTE GRANDE

Um operario que trabalha na grande Fabrica de Papelão situada no bairro da Ponte Grande, veio até a nossa redação para contar nos que entre os trabalhadores desse estabelecimento reinava grande descontentamento ante a imposição de parte da Direcção dessa fabrica que quer impor aos operarios, sob ameaça de demissão do emprego, um Seguro Médico, que se virá a beneficiar ao Beneficiário que com esse emprego verá aumentada uma forte mezada á custa dos operarios.

Nessa fabrica trabalham centenas de operarios e a cada um se lhes quer cobrar a taxa de 100 como jola de adiantamento de agosto e mais 50 mensais. Isto, logo se percebe que es-

ses trabalhadores seriam tosquiados mensalmente em uma dezena de contos e a troco de tanto dinheiro só se lhes oferece consultas medicas, no consultorio, tendo que pagar a condução (automovel) ao medico quando seja preciso uma visita a domicilio.

Ora, isto é muito pouca mercadoria por tanto dinheiro.

Com mensalidades de 50, as sociedades beneficentes que dão muito mais, inclusive auxilios pecuniarios e hospitalares quando sejam necessarios.

Não, isso é de mais. Se a empresa que explora o fabrico de papel com toda a vantagem que lhes dá o proteccionismo allandegario, quer favorecer o illustre medico patricio, que lhe pague dos proprios cofres e não insista em querer fazer proteccionismo ao amigo com o suor de quem trabalha.

Isto, disse nos o nosso informante, é em linhas gerais, o modo de pensar da grande maioria dos empregados da fabrica, e ha grande repulsa por parte de todos contra essa nova forma de exploração.

Se assim é, nós achamos muito logica a attitude dos operarios.

Apelo aos trabalhadores canteiros

Camaradas Canteiros: Agora mais do que nunca, necessitamos da nossa organização.

Como todos sabemos, ha uma officina onde o patrão é quem toca o sino, tratando sempre do seu interesse.

Pela manhã antes das 7, ao almoço depois das 11, ao recomencar, antes das 12 e ás 4 horas, vão passando uns 20 minutos. E assim vai indo a vida amortecida dos canteiros que tanto brilharão em outro tempo. No fim da labuta lá foram 9 horas de trabalho forçado no logar das 8, e, com medo do patrão nada dizem.

Por que isso? Porque estamos desorganizados por completo, e a culpa é só nossa, companheiros.

Camaradas!

Tratemos de reorganizar-nos, porque a união faz a força, e assim não seremos tão vilmente explorados como estamos sendo.

Calculai bem Companheiros que o nosso ordenado foi cortado de 50 a 60 por olo ao passo que os patrões não abateram nem os 10 olo aos freguezes.

Sempre alerta, companheiros.

A UNIAO FAZ A FORÇA, e sem a força nada somos.

Um Camarada Canteiro.

L. D.

União dos A. em calçados e classes anexas

(Fillada á F. Operaria de S. Paulo)

Esta União convida a todos os trabalhadores em couros e calçados a comparecerem a uma grande assembleia geral, que se realizará no dia 26 do corrente, ás 20 horas, na sede social, á rua Quintino Bocaiuva, 80, e onde se debaterão problemas que se prendem com a nossa condição de trabalhadores e de explorados, como sejam: serviço a contrato, rebatamento da mão de obra, tudo questões que nos forçam a procurar solucionar nos nossos eternos estorquidores, os quais pouco se saíam de sangue, de suor e de fadigas proletarias.

Trabalhadores sapateiros, a postos!

O tefé fascista está soprando do lado da Europa e procurando infiltrar-se no estabelecimento, arrastando nos meios paritários. E' necessario agir e reagir contra esse flagelo, ultima arma de que a burguezia lança mãos para nos subjugar e cercar todos os nossos direitos, conquistados até hoje á força de lutas, de pugnas e de canseiras.

Que todos se compenetrarem da gravidade dos acontecimentos que nos esperam e ameacem. Mais vale preveni-los que depois lamentar com as mãos na cabeça, como o marcao quando cai na agua!

Federação Operaria de S. Paulo

Para o proximo sabado, 1.º de Julho, ás 20 horas, no Salão da Federação Espanhola, á rua do Gazometro n.º 49, a FEDERAÇÃO OPERARIA promove um FESTIVAL DE CONFRATERNIZAÇÃO OBREIRA, durante o qual será observado o seguinte

Período de gestação A REVOLUÇÃO SOCIAL EM ESPANHA

Toda a revolução se divide em tres períodos: antes, durante e depois dela.

O período de pre-revolução, o mais longo e agitado, é também o mais rico em impulsos e em virgindades morais. E' o período inicial, de impulso e de força intacta e que de dia para dia se enriquece com valores novos.

Contemplamos este panorama de Espanha, convulsionada de um extremo ao outro, carregada de electricidades, o magnifico retábulo de figuras trágicas e heróicas que vai desfilar perante os olhos do mundo. Homens e coisas se confundem; desapparecem inclusive os limites naturais entre a ideia e a personificação humana, e as mesmas abstrações se fazem carne. O anarquismo não é já em Espanha uma ideia pura, perdida em elucubrações, senão algo candente e vivo, sangrento e imponente.

Do bloco granítico da especie, vamos arrancando os espécimes típicos desta hora máxima para o povo. Hoje é um amanhã e outro; anónimo ontem, para sempre mais gravado o fato — afirmação suprema — na história do esforço dos homens pela liberdade e para a liberdade, anjo eterno e simbólico de Prometeu encadeado.

E a riqueza deste período de gestação formidavel está no valor das pedras que formam o bloco e se desprendem do conjunto.

Relevos dignos de Miguel Angelo, figuras ciclópicas, caídas no retábulo social quasi milagrosamente.

Ontem foi Sciadados, herói de lendas, varonil e formidavel, imagem de um século, encarnação de uma ideia, síntese duma raça de homens Homens. E junto dele, com silhuetas mais, cujos nomes a história não recolherá, a qual, acabruntada, terá que limitar-se a consignar simplesmente fatos, estes fatos cada um dos quais vai unido a um gesto de hombridade, a um heroismo desesperado, a uma epopeia individual e coletiva.

Agora mesmo a Imprensa mal falou duma tragédia espantosa, quasi ignorada, desse rapaz de dezenove anos incompletos, químico, morto em Bilbao despedaçado por uma explosão no fundo do seu secreto laboratorio. Nigromante moderno, silencioso e estoico desafiando a morte todos os dias e que soube morrer em um gesto espartano, sobrio e calado, não obstante eloquente como um poema épico.

Sobre ele, anónimo eterno, se encontraram as redomas encantadas em que procurava o segredo de uma destruição necessaria e fecunda. E uma mãe chorando, bebendo o sangue que manava do peito destroçado, das mãos decepadas do filho morto, ruivo e pálido, belo e imberbe. Lúbel rebelado contra a injustiça social, contra a iniquidade do mundo.

Nesta epopeia que vivemos, neste período formidavel de gestação duma sociedade nova, não falta na Espanha, como não faltou na Russia, essa força virgem da acção feminina.

Desde a proclamação da Republica, desde que o acesso ao Poder da So-

cial democracia precipitou o emudecimento e produziu a fatalidade do fato revolucionario, vemos a mulher militar em todos os sectores.

Agora são essas nacionalistas vascas, que vão para o carcere e que são espancadas nem mais nem menos, como nós pelos guardas de assalto. São esses movimentos rurais de Castela, Andaluzia e Extremadura, em que as populações, com as mulheres camponesas á frente, assaltam os municipios e fazem justiça aos caciques. E, finalmente, o gesto mais conciente, grande, magnifico, das mulheres operarias, confundidas com o homem nos combates da luta social, sabendo tambem jogar a liberdade e a vida nas greves de protesto e solidariedade e nos movimentos revolucionarios.

A silhueta de Manuela Lago, a Imolada, virgem e martyr da revolução social em Espanha, sintetiza-as todas. A seu lado, o rosto casto e sereno da Libertaria e esta cara dolorosa e simpatica de Josefina Fuentes, caída em Madrid durante a ultima greve, constituem o marco bello, emocionante e evocador do quadro.

O nihilismo achou a sua maior força, a sua maior sedução e a sua eternidade moral, no sacrificio das nihilistas. Em Espanha, as mulheres temo demonstrado que sabemos ter o valor tranquillo de desafiar a perseguição, o carcere, a morte, o gesto tragico da mesma morte. Manuela Lago, fuzilada por uma descarga, com o ventre abrazado e nos labios esse grito supremo: Viva o comunismo libertario, deu ao anarquismo mais força e mais sugestão popular que toda a propaganda anarquista junta, que toda a obra realizada durante cinquenta anos.

Período de gestação. Nas estranhas coletivas incubava-se o feto de uma humanidade nova. A fatalidade do parto, a sua iminencia, espanta a muitos e ás vezes nos acabruha a nós mesmos.

Eu tenho, porém, uma fé limitada nesta riqueza instintiva do bloco, do qual, todos os dias, vão-se desprendendo torsos de gigantes. Como surgem, neste período de choque, os mártires preciosos e os soldados desconhecidos, que sabem dar humilde e generosamente o seu sangue para abonar a terra da conciencia popular, surgirão amanhã os valores constructivos, as forças naturais que saberão ordenar a criação, como teem sabido até agora e como sabem dar ordem heroica á destruição precisa e ao sacrificio inevitavel.

Como sabemos morrer, individualmente e em massa, oferecendo o peito livre, indefeso e temerariamente heroico, como esse bravo camarada de Alicante, como estes pobres camponeses de Játiba, barbaramente imolados, como essas multidões sacrificadas em E'pila, em Passajes, em Barcelona, em Alicante, em Fuensalida, em Llerena, em Sevilla, em Lérida, em Casas Viejas, de um extremo ao outro de Espanha, saberemos viver e organizar a vida, depois desta revolução, gestada e parida, como tudo na vida dos séres e dos mundos, á custa de muito sangue e de dor éruenta.

FEDERICA MONTESENY.

PALAVRAS DE OURO

Sem liberdade não existe moral, porque não existindo livre escolha entre o bem e o mal, entre a devoção ao progresso comum e o espirito de egoismo, não existe responsabilidade.

Sem liberdade não existe verdadeira sociedade, porque entre livres e escravos não pode existir associação, somente dominio de uns sobre os outros.

João Maurício

PROGRAMA

- 1.º Abertura pela orquestra.
- 2.º Palestra social.
- 3.º Drama.
- 4.º Ato variado.

Os convites são encontrados nas secretarias de todas as associações filiadas á Federação e em nossa redação á Ladeira do Carmo, 7.

Movimento de opinião e de repulsa ao FASCISMO



Quando a semana a tribuna prossegue com os trabalhos tendentes à compreensão das forças antifascistas desta cidade.

As organizações proletárias filiadas à Federação Operária, em plenário extraordinário realizado para tratar de polêmicas referentes ao movimento de opinião e de repulsa ao fascismo, em 15 de agosto, discutiram durante a reunião os trabalhos tendentes à compreensão das forças antifascistas de São Paulo, que será lugar adiante.

A reunião, realizada no salão da Federação Operária, contou com a presença de cerca de 100 membros.



A CIVILIZAÇÃO FASCISTA

Quando o povo em geral participou a reunião realizada ontem no Salão da Federação Operária, conforme foi publicado em "A Plebe", no sábado passado.

Essa reunião, realizada no salão da Federação Operária, contou com a presença de cerca de 100 membros.

Os trabalhos realizados durante a reunião tiveram como ponto central a discussão da civilização fascista, que vem se desenvolvendo em nosso país, sob a liderança do "duce", Benito Mussolini.

Os participantes concordaram em que a civilização fascista é uma civilização que visa à destruição da liberdade e da democracia, e que ela representa um perigo para a humanidade.

Em Minas Gerais também se manifesta um movimento de opinião contra o fascismo.

As organizações fascistas, segundo as informações que reproduzimos na página 14.

APÊNDICE HORIZONTAL, 22 (H) — O Partido Trabalhista Mineiro, em caráter de urgência, convocou para a realização de uma reunião em 15 de agosto, no salão da Federação Operária, para tratar de polêmicas referentes ao movimento de opinião e de repulsa ao fascismo.

O Congresso diretor do Partido Trabalhista Mineiro, autorizou, na mesma reunião, por unanimidade de votos, o seu presidente a tomar uma atitude francamente contrária às organizações fascistas recentemente criadas no Brasil, e a constituir, com a adesão de todos aqueles que não concordam com essa doutrina, uma comissão ou frente única antifascista, destinada a combater as organizações fascistas que venham a existir, bem como qualquer manifestação fascista no meio político, social e administrativo do país.

Essa comissão deverá fazer oposição ao Integralismo e Ação Social Brasileira, e outras organizações.

— A conferência promovida por "A Plebe" e que a nossa colaboradora D. Maria Lacerda pronunciou na sexta-feira última, cujo tema era "A civilização fascista", constitui uma verdadeira escola de preparação antifascista das nossas causas. O capitalismo, o latifundismo e os reflexos que com o fascismo querem fazer a humanidade retrogradar ao obscurantismo e à escuridão. Apesar de isso, não que não se não encheu-se.

Esta coligação deverá fazer oposição ao Integralismo e Ação Social Brasileira, e outras organizações.

— A conferência promovida por "A Plebe" e que a nossa colaboradora D. Maria Lacerda pronunciou na sexta-feira última, cujo tema era "A civilização fascista", constitui uma verdadeira escola de preparação antifascista das nossas causas. O capitalismo, o latifundismo e os reflexos que com o fascismo querem fazer a humanidade retrogradar ao obscurantismo e à escuridão. Apesar de isso, não que não se não encheu-se.

CONFERENCIA PUBLICA

Amanhã, domingo, às 20 horas, no Salão da rua Quintino Bocaiuva, 80, o Dr. JOSE OITICICA, vindo do Rio de Janeiro, fará uma conferência pública sob o tema: O PERIGO FASCISTA E OS MEIOS DE O COMBATER.

Para essa conferência chamamos a especial atenção dos antifascistas de todas as tendencias e dos trabalhadores em geral.

ENTRADA FRANCA.

Uma no bolso do terrível castelo. Não obstante isso, sempre havia jeito de fabricar chaves falsas e também estas das de corde por onde os pagens e os trovões se trespassam as torres de muros e os altos telhados.

De forma que Hitler o que se chama de mais matado, para dar mesmo exemplo a todos os vent ferozes e temulentos sequazes e associados, era destacar um deus para junto de cada dama alemã, para que ela tivesse sempre presente um fiscal do chefe supremo que a não deixasse desviar ou esquecer os mandamentos do delirioso Hitlerista-nazista-fascista.

É claro que Hitler, desse modo corria o risco de ficar sem tropas. Os seus associados seriam conquistados, arrastados, domados, domesticados pelas pontas d'amas. Sim, um coraçao não amoleceva ante um olhar moço, mesmo um sorriso suave, em face deste gesto brando e delicado. Ninguém, nenhum soldado ou poeta, por mais trauçulento que fosse resistiria a tal canto de serena, conforme o proclama o poeta épico da Lusitania, o mortal Camões, que foi grande soldado, grande poeta, que muito sabia de como se deve tratar as damas.

Pois se a propria igreja teve de recuar, de tolerar, de pauciar e transir com elas, deixando-as entrar e permanecer na igreja de chandá na cabeça, quando os barbados o têm na mão, e se os proprios padres ostentam os mais vistosos e coloridos e imponentes paramentos nas suas imponentes cerimônias, para atrair, segurar e seduzir os olhos e os sentidos dos crentes, que muito que Hítes e sinistros comparas tenham de baixar a cabeça e deixar as senhoras dar largas aos seus caprichos indumentarios? Não se diz até que Deus quer o que agrada à mulher? Será que Hitler terá mais força e poder do que tendo qualquer pagão ou cristão de todos os tempos ou do que a propria igreja católica?

Que pretensão, mais estulta! Que desejo mais insensato e caricato que o de querer imiscuir-se e cheirar as faldas das senhoras?!

Sae azul!

Centro de Cultura Social

HOJE, À NOITE, À RUA QUINTINO BOCAIUVA N. 80, A CONVITE DESTA CENTRO CULTURAL, D. LUIZA C. PESSANHA BRANCO PROPONCIARÁ UMA CONFERENCIA SOBRE ASSUNTO DE GRANDE ATUALIDADE. PARA ASSISTIR À CONFERENCIA DA ILUSTRE CONFERENCIISTA, FAZ-SE VIVO APELO AO ELEMENTO FEMENINO.

Possivelmente estará presente também o nosso camarada Prof. José Oiticica, esperado do Rio de Janeiro nesse mesmo dia.

CONFERENCEIA

Hoje, à noite, à rua Quintino Bocaiuva n. 80, a convite deste Centro Cultural, D. LUIZA C. PESSANHA BRANCO propiciará uma conferência sobre assunto de grande atualidade. Para assistir à conferência da ilustre conferenciista, faz-se vivo apelo ao elemento feminino.

Possivelmente estará presente também o nosso camarada Prof. José Oiticica, esperado do Rio de Janeiro nesse mesmo dia.

"A PLEBE" no interior

Em Itajubá — O camarada Batista Speziale tomou a si o encargo de receber as doações e donativos para "A Plebe".

Em Santa Adella, os nossos assinantes e leitores podem pagar as suas assinaturas e entregar donativos para "A Plebe" aos camaradas L. Crespi e V. Gaviozzo.

Em Poços de Caldas — Os nossos assinantes devem procurar o camarada A. Macario.

Em Porto Alegre (R. G. S.) — A "A Plebe" é encontrada na U. Geral dos Trabalhadores, à rua da Concordia n. 491 e na Livreria Internacional, à rua 15 de Novembro.

Em Santos — "A Plebe" é encontrada à venda na Agência de jornais do sr. Piva Magalhães, à rua João Pessoa, 149.

Precisamos desenvolver a propaganda libertaria

O nosso apelo a favor da maior intensificação e divulgação de A PLEBE não caiu em terreno alheio, felicemente já nos chegaram adesões de diversas cidades de S. Paulo e de diversos Estados do Brasil.

Bem razão tinhamos nos para fazer um apelo sincero e vigoroso a todos os nossos amigos espalhados por este Brasil a fora. Não se compreende que um jornal do caráter de A PLEBE fique restringido ao campo dos conservadores. É necessário que arraste por todos os centros do proletariado paulista e nacional, que penetre em todas as camadas sociais, que leve um bom augurio de libertação humana a todos os sedentos de justiça, a todos os amantes de paz e de ideal numa palavra de conforto a todas as vítimas desta maldita engrenagem social que tritura em seus braços de aço a pobre carcassa dos desprotegidos, dos róticos, dos desamparados, dos filhos abandonados desta sociedade madrastra toda carinhosa pelos ricos, poderosos e potentados e toda desprezo, desdém e capereza com aqueles que cometeram o crime de nascer pobres, para serem explorados pelos parasitas seus irmãos pela forma que não nos sentimentos.

S. Paulo só por si pode dar vida a um jornal como A PLEBE, por fornecer inúmeros leitores e assinantes tendo em conta a sua extensão territorial e a sua já numerosa e sempre crescente população.

Lembramos que a cada...

S. Paulo corresponde mais ou menos ao tamanho da Itália e a sua população ultrapassa em muito a população de Portugal.

Por isso, mais um motivo para os camaradas de todas as localidades trabalharem de esforços para nos proporcionar leituras e assinaturas, para desenvolver as nossas ideias na venda e distribuição de nossos livros, brochuras e folhetos, tornando sempre onde houver, se houver, um ponto onde se recorra à leitura e comentário das nossas publicações, feita pelos mais habilitados que que sabem menos ou mesmo procurando ensinar a ler, nos seus trabalhos, arrastando desde moço do almas e dinheiro a igreja, comitês e a imprensa, homens e mulheres dos vícios da taberna, do jogo da desonestidade.

É assim que se lutará por um novo, desenvolvido numa consciência serena e numa convicção assente, firme e segura que vá de onde se vem, das trevas e escuridão do passado, que saiba compreender a situação do presente e que desentene e se prepare para construir um futuro radioso, onde as vítimas do passado e das misérias, falhas e delitos do presente não possam existir nem sequer ser lembradas.

Esperamos, pois, que nenhum leitor deixe de nos indicar o nome de um ou mais possíveis assinantes a quem mandaremos o jornal.

COMENTARIOS

Quem paga é o povo que não joga

O JOGO EM POÇOS DE CALDAS

A Companhia Brasil de Grandes Hotéis tentou contra o Estado de Minas uma ação pedindo uma indenização de 30 mil contos, sob a alegação de ter o governo do Estado infringido cláusulas do contrato para a exploração do Casino da estância hidro-mineral de Poços de Caldas.

(Dos jornais)

ninguem ligava à falta de liberdade. Os negociantes não bem exclamavam em tom doutoral e entendiam que a expressão de greves e a prisão e expulsão de dezenas de operários não tinha importância, contanto que os negócios corresse em mar de rosas.

Mas estavam enganados. Com a liberdade perdeu-se também a prosperidade. O espinhamento do povo não permitiu indefinidamente a aura dos bons negócios.

Agora, pelo que toca ao Portugal das caravelas, chegou-nos uma carta de lá que vem ao pintar da fauce escaecer como se consegue o tão famoso equilíbrio financeiro. Ora ouçamos:

Como se vê pela notícia acima, banqueiros de jogos jogam com os governos, os governos jogam sobre o povo e este que não quer decidir-se a jogar tudo e todos no lixo, paga as contas do jogo que não jogou.

Os governos, as camarilhas políticas, as advocaçães administrativas, arranjam com a piratagem da jogatina acordos, negócios, contratos que não podem ou não devem ser cumpridos, realizados, executados de propósito ou por impossibilidade moral ou material manifesta. Al os banqueiros, os piratas de profissão, os ladrões do dinheiro do povo, baseados em cláusulas contratuais, em fundos falsos desses documentos por eles forjados e redigidos e minuciosamente pesados e estudados, antes de serem assinados, apelam para os tribunais, pedindo indenizações incriveis, fabulosas, disparatadas, que os tribunais lhes concederão e que o tesouro publico, que é o dinheiro do povo arrancado em toda a forma de impostos, pagará. Os jogadores que deviam estar fora de toda a lei moral, apelam para a lei! Que farçantes!

"Isto por aqui continua de mal a pior. A miséria é pavorosa. Os lavradores, coitados, estão como o macaco quando cai na água: decimas e impostos sempre a subirem e o pouco que vendem não dá para adquirir aquilo que necessitam. Sabendo onde há dinheiro correm lá como os lagartos dos pinheiros

Os nossos ditadores são uns bichos. Senão existissem seria preciso inventá-los. O Salazar e o Patriarca de Lisboa é que mandam nisto. Garantias só as tem os padres e os militares. Para os outros nada. E, se piam, desaparecem.

Em todas as administrações de Concelho há policia de informações para denunciar alguém que por acaso não se mostre contente com este estado de cousas. A pessoa é presa e depois de 15 dias de fome e mais torturas exigem-lhe grossas quantias a título de multa para a pôrem em liberdade. De forma que, com vontade ou sem ela, todos dizem amen para escaparem a perseguições e ao resto".

Ora aí está como o país que nos trouxe tempos de "novos mundos ao Mundo", também agora se apresenta como campeão no artigo finanças.

Bêfolo-se o pobre contribuinte, mais o povo é fome porque não há trabalho e a vida está caríssima e quem não estiver contente preso e multa.

É caso mesmo do jornalista de grande orçulo paulistano se resignar. Que importa que o povo viva na mais abjeta miséria se os credores estrangeiros, internacionais esfregam as mãos de contentes e expõem os seus estatísticos (telegramas de felicitações aos respectivos governantes a quem cada falta?

Ora bolas.

Como se consegue equilibrar as finanças

Ha alguns dias o cronista que redige "Notas e Informações" de "O Estado de S. Paulo" contrariava-se com os ditadores portugueses por eles terem conseguido "equilibrar os orçamentos do país mesmo ao preço da supressão das liberdades individuais".

É uma opinião errada e estúpida que os brasileiros e especialmente os paulistas tomam pelo preço de muitas vacas gordas, quando o café produtivo rios de ouro, aqui em S. Paulo

ninguem ligava à falta de liberdade. Os negociantes não bem exclamavam em tom doutoral e entendiam que a expressão de greves e a prisão e expulsão de dezenas de operários não tinha importância, contanto que os negócios corresse em mar de rosas.

Mas estavam enganados. Com a liberdade perdeu-se também a prosperidade. O espinhamento do povo não permitiu indefinidamente a aura dos bons negócios.

Agora, pelo que toca ao Portugal das caravelas, chegou-nos uma carta de lá que vem ao pintar da fauce escaecer como se consegue o tão famoso equilíbrio financeiro. Ora ouçamos:

Como se vê pela notícia acima, banqueiros de jogos jogam com os governos, os governos jogam sobre o povo e este que não quer decidir-se a jogar tudo e todos no lixo, paga as contas do jogo que não jogou.

Os governos, as camarilhas políticas, as advocaçães administrativas, arranjam com a piratagem da jogatina acordos, negócios, contratos que não podem ou não devem ser cumpridos, realizados, executados de propósito ou por impossibilidade moral ou material manifesta. Al os banqueiros, os piratas de profissão, os ladrões do dinheiro do povo, baseados em cláusulas contratuais, em fundos falsos desses documentos por eles forjados e redigidos e minuciosamente pesados e estudados, antes de serem assinados, apelam para os tribunais, pedindo indenizações incriveis, fabulosas, disparatadas, que os tribunais lhes concederão e que o tesouro publico, que é o dinheiro do povo arrancado em toda a forma de impostos, pagará. Os jogadores que deviam estar fora de toda a lei moral, apelam para a lei! Que farçantes!

"Isto por aqui continua de mal a pior. A miséria é pavorosa. Os lavradores, coitados, estão como o macaco quando cai na água: decimas e impostos sempre a subirem e o pouco que vendem não dá para adquirir aquilo que necessitam. Sabendo onde há dinheiro correm lá como os lagartos dos pinheiros

Os nossos ditadores são uns bichos. Senão existissem seria preciso inventá-los. O Salazar e o Patriarca de Lisboa é que mandam nisto. Garantias só as tem os padres e os militares. Para os outros nada. E, se piam, desaparecem.

Em todas as administrações de Concelho há policia de informações para denunciar alguém que por acaso não se mostre contente com este estado de cousas. A pessoa é presa e depois de 15 dias de fome e mais torturas exigem-lhe grossas quantias a título de multa para a pôrem em liberdade. De forma que, com vontade ou sem ela, todos dizem amen para escaparem a perseguições e ao resto".

Ora aí está como o país que nos trouxe tempos de "novos mundos ao Mundo", também agora se apresenta como campeão no artigo finanças.

Bêfolo-se o pobre contribuinte, mais o povo é fome porque não há trabalho e a vida está caríssima e quem não estiver contente preso e multa.

É caso mesmo do jornalista de grande orçulo paulistano se resignar. Que importa que o povo viva na mais abjeta miséria se os credores estrangeiros, internacionais esfregam as mãos de contentes e expõem os seus estatísticos (telegramas de felicitações aos respectivos governantes a quem cada falta?

Ora bolas.

HITLER e a moda feminina

O sinistro Hitler, seguindo as piçagadas do cruel Mussolini, também lançou cominações severas, também fulminou com raios da sua cólera demerada as extravagâncias da moda feminina, a maneira mais ou menos exótica do vestir, e a maneira mais ou menos livre do viver moderno das mulheres que usam cabelo cortado, saia curta, fumam seu cigarro e frequentam os lugares onde toda a gente se diverte ou faz pelo menos o semblante de se divertir.

É, que, mimada, exige, proclama que a vida feminina deve ser unicamente a cozinha, a igreja, os filhos, cabelos compridos até para baixo dos joelhos, não arrastando pelo chão, golas muito altas e, afins, ao desafiando ver a ponta do nariz, queramos dizer do queixo, mangas muito compridas que escondam até as unhas pintadas, porque as assim ninguém se vende, restaria o clique de se pintar.

Na sua ogreita de frade, fanático, disse então o discípulo de Calvino que mandou queimar Miguel Servet, quer fazer renunciar o rio da história, regressando aos tenebrosos tempos da Idade Média, em que as mulheres usavam vestidos que lhes ocultavam o rosto e só saíam para a igreja para assistir às procissões ou aos jogos de lá, esperando essa procissão era obrigatória para o casamento pro-

prio, mas que, contudo isso, não era mais moral, nem mais digna, nem mais elevada e dignificadora que a atual, antes pelo contrario.

É a mania de todos os despotas de todos os tempos darem-se arde de puritanos e pretendem zelar pela moralidade dos outros para fingirem qualidades que não possuem e querem regularizar a vida pessoal e coletiva em todas as suas minúcias, decretando a hora de levantar e de deitar, de comer e defecar, o comprimento e largura das saias e das bluzas, a extensão do cabelo e das unhas com medo de serem arranhadas, querendo tornar a vida coletiva numa espécie de apertel ou convento à maneira do que praticavam os jesuítas nas suas aldeias de índios no Paraguai.

Porque o caso não tem sequer o caráter de novidade. Já na antiga Grecia existiam os hiperbomios, magistrados ou juizes atenienses, encarregados de velar pelo bom comportamento das mulheres, multando as que se distinguiam pelo luxo ou por adornos excessivos. Depois, nos tempos dos Castelos, quando os senhores iam para a guerra ou empreendiam grandes peregrinações as longas viagens, deixavam as senhoras feitas prisioneiras nas suas altas torres, vigiadas por toda a casta de ferozes ceberos e, o que era pior, as suas partes poderosas, fechadas e cobertas, cuja chave se-